

OS MOVIMENTOS CORPORAIS DAS COMISSÁRIAS DE BORDO DURANTE O VOO E A DESPADRONIZAÇÃO DO *DRESS CODE*

Data de submissão: 21/09/2023

Data de aceite: 01/11/2023

Aletta Romina Barreto Bornacki de Mattos

Universidade do Estado de Minas Gerais,
Escola de Design, Belo Horizonte – MG,
<http://lattes.cnpq.br/1076311751683214>

Iara Sousa Castro

Universidade do Estado de Minas Gerais,
Escola de Design, Belo Horizonte – MG,
<http://orcid.org/0000-0002-4819-7194>

RESUMO: O tema deste artigo aborda o problema relativo ao *dress code* feminino, rotulado pelas companhias aéreas, e suas transformações ao longo dos anos juntamente com a influência da moda. O objetivo deste artigo é escrever sobre a mudança da padronização do *dress code* das comissárias de bordo em função das movimentações corporais destas profissionais dentro da aeronave, da autoimagem, da autoestima e da aparência. A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa do tipo exploratória, adotando como procedimento a investigação e revisão bibliográfica. Cada profissão exige um tipo de esforço físico-mental e, considerando as responsabilidades e a multiplicidade das tarefas da aeromoça, percebe-se

ser injusto externalizar a imagem dessa profissional sem considerar suas atividades dentro da aeronave. Portanto, conclui-se que estar bem vestida eleva a autoestima, mas ter liberdade nos movimentos corporais alivia a autoimagem. Nesse quesito, as companhias aéreas estão se conscientizando da funcionalidade do *dress code* para a comissária de bordo sem abrir mão da elegância.

PALAVRAS-CHAVE: Comissárias de Bordo; *Dress Code*; Movimentos corporais; Ergonomia; Imagem Pessoal

FLIGHT ATTENDANTS' BODY MOVEMENTS INSIDE THE AIRCRAFT DURING A FLIGHT AND THE DESTANDARDIZATION OF THEIR DRESS CODE

ABSTRACT: This article addresses the problem related to the female dress code, adopted for airline companies, and its transformations over the years together with the influence of fashion. The purpose of this work is to write about the change in the standardization of flight attendants' self-image, self-esteem, appearance and dress code based on these professional's body movements inside an aircraft. The methodology used is qualitative and

exploratory, adopting investigation and bibliographic review procedures. This profession requires different types of physical and mental efforts, considering the flight attendants' responsibilities and multiplicity of tasks; it is so clearly unfair to externalize these professionals' image without considering their activities inside an aircraft. Therefore, it is concluded that being well dressed increases self-esteem, but, at the same time, having freedom of body movements alleviates self-image. In this regard, airlines are becoming aware of the functionality of the flight attendants' dress code without compromising on elegance.

KEYWORDS: Flight attendants; *Dress Code*; body movements; Ergonomics; Personal image

1 | INTRODUÇÃO

Será que o *dress code* feminino, rotulado pelas companhias aéreas, e suas transformações ao longo dos anos juntamente com a influência da moda, estão adequados para a realização das tarefas das comissárias de bordo? Observa-se uma mudança ao longo das décadas no dress code das comissárias de bordo, pois em “1940 foi influenciado pelo militarismo por causa da segunda guerra mundial, 1950 as roupas ressaltavam as curvas, 1960 cores e exageros marcaram as roupas, 1970 saias cada vez mais justas e curtas [...]” (Estevam, 2020). E qual será a sensação delas ao se vestirem para o trabalho com uma imagem pessoal categorizada e exigida pelas empresas aéreas?

Atualmente (século XXI), certas exigências nas vestimentas das aeromoças já se atualizaram e modernizaram. Elas são avaliadas a todo tempo considerando estes três aspectos: 1) adequação dos tecidos e da modelagem para facilitar a demanda dos movimentos corporais; 2) preocupação das companhias aéreas em deixar a comissária de bordo confortável na própria pele para sua jornada diária de trabalho; 3) apoio e vigilância do SNA (Sindicato Nacional dos Aeronautas), de acordo com o seu representante, Clauver Castilho, em entrevista concedida ao UOL: “[...] O sindicato tem um departamento que acompanha as denúncias relacionadas aos uniformes e apura possíveis irregularidades” (CAMARGOS, 2022).

O objetivo deste artigo é escrever sobre a mudança da padronização do dress code das comissárias de bordo em função das movimentações corporais destas profissionais dentro da aeronave, da autoimagem, da autoestima e da aparência.

A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa do tipo exploratória, e foi organizada em duas etapas: 1) investigativa através de reportagens das companhias aéreas; 2) revisão bibliográfica para contextualizar a importância da autoestima positiva e o impacto na imagem pessoal da profissão.

2 | O INÍCIO DA PROFISSÃO DAS COMISSÁRIAS DE BORDO E AS EXIGÊNCIAS DA IMAGEM PESSOAL

A presença feminina como profissional atuante na aviação deu início na segunda década do século XX, “[...] A história das comissárias de bordo. Tudo começou na década de

1920, quando os aviões passaram a oferecer serviços comerciais” (ESTEVAM, 2020). Uma enfermeira britânica, Ellen Church, amava a aviação e gostaria de ser piloto, mas sabia que nunca teria esta oportunidade nesse contexto predominantemente masculino. Ela soube reverter tal situação, considerada impossível de ser contratada por uma companhia aérea. E assim, reivindicou a necessidade da presença de uma enfermeira a bordo para cuidar tanto da segurança quanto de uma possível eventualidade de saúde dos passageiros. E foi assim que a presença da mulher começou gradativamente a aparecer e atuar nos serviços internos da aeronave. Vale ressaltar que, somente após a segunda guerra mundial, na década de 1940, a profissão de comissária de bordo/aeromoça começou a ser valorizada e almejada pelas mulheres que sonhavam com uma carreira.

Para as mulheres estarem aptas ao cargo de comissária de bordo, não se exigia experiência profissional, mas tinham requisitos obrigatórios para se candidatarem, conforme Basseto (2016): “Um artigo de 1936 do *New York Times* descrevia uma aeromoça ideal como ‘bonita; peso entre 100 e 118 libras (45 e 54 Kg); altura de 5 pés a 5 pés e 4 polegadas (1,54 a 1,62 metros); idade entre 20 a 26 anos” (BASSETO, 2016, p). E os protocolos de imagem pessoal para ser comissária de bordo perduraram por muito tempo: três décadas após estas exigências o *New York Times* anunciava vaga para aeromoça com as seguintes descrições “Ensino médio completo, solteira (inclusas viúvas e divorciadas sem filhos), 20 anos de idade, 5’2” até 5’9” (1,57 a 1,75m), peso entre 105 e 135 (47,5 a 61 Kg) e proporcional à altura e visão de ao menos 20/40 sem óculos” (BASSETO, 2016). Com essas premissas, já eram notáveis as imposições e padronizações da imagem da mulher nesse campo profissional.

Os uniformes das comissárias de bordo eram de estilo militar, casaco alongado com botões grandes frontais, saias largas, meia calça e sapatos pretos com leve salto. Com a efervescência da industrialização (1940/1950), novos conceitos de vestimenta com a moda se reergueram junto aos ateliês, retomando a expressividade da aparência elegante. As companhias aéreas começaram a perceber que precisavam mudar a aparência da vestimenta das comissárias e contrataram estilistas para um novo *dress code* na aviação.

E as exigências ainda prevaleceram por anos, como este relato de uma candidata, no século XX:

Em 1997, quando eu terminei o meu ensino médio, eu entrei num curso de formação para comissária de bordo (aeromoça) aqui no Rio. Paguei a matrícula e assisti a 3 aulas na primeira semana, até que o diretor do curso me chamou na sala dele, e fez o seguinte “processo de seleção”: me pediu pra ficar em pé na parede, logo abaixo de um prego colocado estrategicamente na altura mínima exigida na época para a profissão, que era de 1,60m. Como eu tenho 1,56m, fiquei abaixo do preguinho, e ele me explicou que a minha matrícula tinha sido um erro da funcionária e que ele sugeria que eu fizesse o curso de profissional de aeroporto [...] nunca nem tentei trabalhar em aeroporto, porque realmente não era o que eu queria, mas lembro de que nas aulas que a gente teve sobre emergência no avião, eu ficava tentando imaginar as

Modelagens justas das saias e camisas, sapato de salto alto e protocolos de maquiagem eram os guias para as comissárias trabalharem a partir da década de 1960, prevalecendo ainda em companhias aéreas até os dias atuais em 2023.

3 | A RELAÇÃO ENTRE O *DRESS CODE* E A AUTOIMAGEM DAS COMISSÁRIAS DE BORDO E AS ATIVIDADES DAS COMISSÁRIAS DE BORDO DURANTE O VOO

Além desta ditadura da imagem, da cordialidade, receptividade e sorriso constante, elas também exerciam (e exercem) várias funções antes, durante e pós voo da aeronave que exigem esforço físico e mental, com riscos biomecânicos; riscos esses que afetam diretamente os movimentos do corpo com algumas tarefas rotineiras. “[...] Por trás da imagem da boa aparência, as aeromoças lidam com muitas doenças provocadas pela exigência do uniforme, como varizes, dores na coluna e até privações de sono” (CLÁUDIA, 2018). No estudo exemplificado por Garcia *et al.* (2013) “Posturas e ângulos articulares foram medidos [...] A análise mostra que a postura no puxar é ergonomicamente desfavorável [...]” e “Os sapatos deveriam ser antiderrapantes e com alturas máximas de calcanhar”.

As atividades descritas referem-se às observações próprias e pessoais durante a experiência de alguns voos. Dentre as tarefas das comissárias de bordo, algumas exemplificadas: 1) auxiliar os passageiros na localização dos assentos, andando de um lado para o outro, o que exige postura uma correta e orientada para a movimentação rápida dos pés; 2) acomodar a bagagem de mão no maleiro, realizando os movimentos de abdução (quando move os membros para fora do corpo) e adução (movimentação de trazer os membros de volta para o corpo); 3) realizar o fechamento das portas da aeronave (puxar e empurrar, flexionando o cotovelo, as pernas e as costas); 4) verificar a posição adequada dos assentos para decolagem (caminhada dentro do avião); 5) informar aos passageiros sobre a utilização dos equipamentos de segurança, caso ocorra um acidente (gesticulação com os braços e mãos); 6) estar apta a socorrer passageiros/tripulantes e realizar os procedimentos dos primeiros socorros (movimentar braços e cotovelos para cima e para baixo na posição de agachamento); 7) preparar e empurrar o carrinho de bebidas e alimento, levando-o para todos os passageiros (exercício com os braços, mãos e pernas, andando pelo corredor da aeronave); 8) socorrer as pessoas se acontecer algum imprevisto trágico.

Dimitrius e Mazzarella (2000) relatam que “a linguagem corporal de uma pessoa pode mudar de um momento para outro, de um ambiente para outro [...]” (p. 63) e isso acontece a todo o momento com as comissárias de bordo, pois além dos fluxos rotineiros do trabalho, é imprevisível saber o que pode acontecer durante o voo. Portanto, usar roupas confortáveis, calçados funcionais e ter liberdade para realizar qualquer tipo de movimento corporal é

imprescindível para estas profissionais. “Deus nos livre, mas se a tripulação tiver que fazer um pouso na água e uma evacuação, os saltos podem danificar a escada e não será muito confortável nadar com uma saia” acrescentou uma aeromoça (CHORNOKONDRATENKO; KARAZY, 2021).

Em uma emergência médica, por exemplo, uma aeromoça não só precisa assistir o cliente que está passando mal, como tem que tomar cuidado para não mostrar muito do seu corpo por causa de seu uniforme, aponta a BBC. “Dependendo de como o passageiro cair e a sua posição, eu sempre pensava que teria que ficar de quatro pressionando o seu peito, usando uma saia justa que restringia meus movimentos”, revela uma comissária de bordo para reportagem da BBC (CLAUDIA, 2018)

O uniforme da comissária de bordo transmite um comportamento de elegância e de comunicação não verbal visualmente impecável no ambiente da aviação. Mas será que em algum momento a mulher foi notada como fator humano além desta vestimenta? E quais as possíveis consequências que essas roupas poderiam prejudicar sua autoimagem e seu físico? O fator humano gera valor rentável e lucrativo para a empresa, só que ele foi desconsiderado por anos, por sua essência, por sua autoestima, pelo seu emocional. “O código de vestimenta das comissárias de bordo se tornou um símbolo da profissão, mas isso não significa que, necessariamente, seja algo bom para elas.” (CHORNOKONDRATENKO; KARAZY, 2021).

A padronização do visual de uma aparência impecável fazia com que as mulheres sonhassem em ser comissárias de bordo. A elegância através dos uniformes chamava a atenção de todos. A aparência ou imagem pessoal é moldada e ornamentada por roupas, cores, acessórios e também pelo comportamento corporal: é a visão percebida por outros, em questão de segundos. Segundo Resende e Zanetti (2013, p. 67), “o que compõem a aparência são estatura, traços, formas e autoimagem”. Uma aeromoça andando no saguão do aeroporto ou dentro da aeronave transmite uma imagem sofisticada. “A aparência tem grande importância quando se trata da impressão inicial causada por alguém [...] é importante prestar atenção na imagem que transmite” (DEMARAIS; WHITE, 2005, p.44).

Mas com o passar do tempo, a imagem pessoal não só valoriza o estereótipo externo, passou a valorizar o ser como humano, a autoimagem, a autoestima. E esse conceito de vida humanizada chegou ao setor de recursos humanos das companhias de aviação. Tal setor nas empresas de aviação é gerenciado por psicólogo (a) e passou a entender a realidade das condições de trabalho das aeromoças. As companhias aéreas enxergaram que as mulheres são talentosas, e que a exigência exagerada da aparência e do uniforme não são sinônimos de condições ideais de trabalho para o corpo e seus esforços. Constataram que corpo e conforto precisam estar alinhados com a vestimenta e condizentes com as tarefas exercidas pela profissão.

A adequação da roupa com os movimentos do corpo começa a ser valorizada na aviação. O bem estar e o prazer de vestir o uniforme aconchegante para o corpo e

satisfatório torna-se uma necessidade. “Importante é estar confortável [...]” (RESENDE e ZANETTI, 2013, p.26). E estar confortável não significa transmitir uma imagem pessoal desleixada. Isso se comprova no artigo de Chornokondratenko e Karazy (2021) com o setor de marketing de uma companhia aérea ucraniana: “O novo uniforme desta companhia para mulheres agora inclui tênis branco e um terno laranja solto, com calças e um lenço de seda”.

O terno feminino é uma das vestimentas mais elegante para a mulher quando se monta um look com estas duas peças atemporais e clássicas: calça e blazer. Comunica poder e autoridade. O lenço de seda, neste caso, é a terceira peça do *look*. É o acessório feminino que orna a imagem e traz um ar *cool* para a aparência. A seda é o tecido mais nobre, poderoso, leve e confortável para tocar a pele humana.

“Então, usar três peças é um jeito instantâneo de ficar mais elegante, mais formal – mesmo num look informal. A terceira peça – qualquer uma – faz super diferença” (RESENDE; ZANETTI, 2013, p.81). O terno solto e o tênis já caracterizam a liberdade dos movimentos corporais e a funcionalidade do uniforme das comissárias de bordo. De acordo com a profissional responsável do departamento de marketing de uma companhia aérea ucraniana, ela relata: “Descobrimos que, apesar da imagem de uma comissária de bordo feminina ser muito romantizada, seu trabalho exige muito treinamento físico” (CHORNOKONDRATENKO; KARAZY, 2021).

Com estas atitudes e mudanças nos uniformes, a ergonomia foi adotada e vem sendo implantada pela aviação sem massacrar e moldar a imagem feminina, experimentando possibilidades adaptáveis e práticas com tecidos e acessórios para a realização das tarefas das comissárias de bordo, sem desmerecer a beleza real das mulheres e suas competências profissionais. Os valores humanos se posicionaram na liberdade dos padrões.

4 | CONCLUSÃO

Cada profissão exige um tipo de esforço físico-mental e, considerando as responsabilidades e a multiplicidade das tarefas da aviação, percebe-se ser injusto externalizar a imagem dessa profissional sem considerar suas atividades dentro da aeronave.

Estar bem vestida eleva a autoestima, mas ter liberdade nos movimentos corporais alivia a autoimagem. Nesse quesito, as companhias aéreas estão se conscientizando da funcionalidade do *dress code* para a comissária de bordo sem abrir mão da elegância.

AGRADECIMENTOS

Apoio ao Programa de Pós-Graduação em Design (PPGD) da Escola de Design e ao Programa de bolsas de produtividade da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

REFERÊNCIAS

BASSETO, Murilo. **Os requisitos incomuns e específicos da profissão de comissário**. Aero In. 21 mai. 2016. Disponível em: <https://aero.in.net/os-requisitos-incomuns-e-especificos-da-profissao-de-comissario/>. Acesso em 28 jul.2022.

BBC NEWS. **O segredo**. Empresa de aviação faz sucesso ao trocar saias e salto de aeromoças por calças e tênis. [s.d], 2018. Disponível em: <https://osegredo.com.br/empresa-de-aviacao-faz-sucesso-ao-trocar-saias-e-salto-de-aeromocas-por-calca-e-tenis/amp/>. Acesso em: 24 jul. 2022.

CAMARGOS, Talita. **Uniformes aeromoças**: dicas e curiosidades sobre. W3 Uniformes. 15 fev. 2022. Disponível em: <https://w3uniformes.com.br/uniformes-aeromocas/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

CHORNOKONDRATENKO, Margaryta; KARAZY, Sergiy. **Companhia troca salto por tênis e aposenta saia de aeromoças**. CNN Brasil. 11 out. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/companhia-troca-salto-alto-por-tenis-e-aposenta-saia-de-aeromocas/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CITERA, Priscila. **O novo uniforme das aeromoças da SkyUp airlines**. Vestindo Autoestima. 11 ago. 2021. Disponível em: <https://vestindoautoestima.com.br/o-novo-uniforme-das-aeromocas-da-skyup-airlines/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CLAUDIA, Revista. **Saúde e trabalho das aeromoças são prejudicados pelo uniforme**: Modelo de saia impede certos movimentos em situações de emergência, por exemplo. Da redação. 22 mar. 2018. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/saude-trabalho-aeromocas-uniforme/https://claudia.abril.com.br/noticias/saude-trabalho-aeromocas-uniforme/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DEMARAIS, Ann; WHITE, Valerie. **A primeira impressão é a que fica**. Tradução Claudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

DIMITRIUS, J.E. ; MAZZARELLA, M. **Decifrar Pessoas: Como entender e prever o comportamento humano**. Tradução Sonia Augusto. São Paulo: Alegro, 2000.

ESTEVAM, Lucas. **A história dos comissários de bordo**. Z Magazine. 08 jan. 2020. Disponível em: <https://zmagazine.com.br/a-historia-dos-comissarios-de-bordo/>. Acesso em: 24 jul. 2022.

GARCIA, Gustavo; JULIANA, Carolina; MUHLMAN, Suliane; SOARES, Jurcirole. **Carga de trabalho de aeromoças** - Trabalho de Ergonomia. 02 mai. 2013. Disponível em: <https://prezi.com/krmi1i8pp2by/trabalho-de-ergonomia-carga-de-trabalho-de-aeromocas/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

RESENDE, F.; ZANETTI, C. **Vista quem você é**: descubra e aperfeiçoe seu estilo pessoal. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.